



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS MACEIÓ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DE ALAGOAS**

**SALMOM LUCAS MONTEIRO COSTA**

**MEMÓRIAS E LUGARES:  
O BAIRRO DO PINHEIRO PELOS SEUS EX-MORADORES**

**Maceió  
2024**

SALMOM LUCAS MONTEIRO COSTA

MEMÓRIAS E LUGARES:  
O BAIRRO DO PINHEIRO PELOS SEUS EX-MORADORES

Artigo apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* em História de Alagoas, do Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Maceió, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História de Alagoas.

Orientador: Prof. Me. Denis Rocha Calazans

Maceió  
2024



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
***Campus Maceió***  
**Biblioteca Benevides Monte**

---

981.35

C929m Costa, Salmom Lucas Monteiro.

Memórias e lugares [recurso eletrônico] : o bairro do Pinheiro pelos seus ex-moradores / Salmom Lucas Monteiro Costa. – Dados eletrônicos (1 arquivo em pdf: 6,94 MB). – 2024.

Trabalho acadêmico com 27 folhas.

Inclui figuras e referências.

Orientação: Prof. Me. Denis Rocha Calazans.

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo (Especialização em História de Alagoas) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2024.

1. História de Alagoas. 2. Memória coletiva. 3. Desocupação urbana. 4. Identidade local. 5. Bairro do Pinheiro – Narrativas de ex-moradores. I. Título.

---

**Franciane Monick Gomes de França**  
**Bibliotecária – CRB 4/1831**

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**Ministério da Educação**  
**Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica**  
**Instituto Federal de Alagoas**

**ATA DE DEFESA DO TCC**

Aos 08 dias do mês de FEVEREIRO do ano de 2024, às 21:00h, foi realizada na sala de AULA VIRTUAL DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DE ALAGOAS, Campus MACEIÓ, a solenidade de defesa de TCC de SALMOM LUCAS MONTEIRO COSTA, Matrícula 2022201090 com o tema MEMÓRIAS E LUGARES: O BAIRRO DO PINHEIRO PELOS SEUS EX-MORADORES, como pré-requisito para a conclusão do Curso de Especialização em História de Alagoas.

**PARECER FINAL**

Após apresentação, a banca avaliadora se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo a nota nove inteiros (9,0).

**ALUNO(A)**

1. Salmom Lucas Monteiro Costa



Documento assinado digitalmente  
**SALMOM LUCAS MONTEIRO COSTA**  
Data: 16/02/2024 11:07:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**ASSINATURA DA BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Denis Rocha Calazans  
Orientador/Presidente da Banca



Documento assinado digitalmente  
**DENIS ROCHA CALAZANS**  
Data: 08/02/2024 22:55:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fabiano Duarte Machado  
Avaliador 1



Documento assinado digitalmente  
**FABIANO DUARTE MACHADO**  
Data: 16/02/2024 09:51:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Amaro Hélio Leite da Silva  
Avaliador 2

# MEMÓRIAS E LUGARES: O BAIRRO DO PINHEIRO PELOS SEUS EX-MORADORES

Salmom Lucas Monteiro Costa<sup>1</sup>

Denis Rocha Calazans<sup>2</sup>

## RESUMO

A instabilidade do solo causada pela exploração de sal-gema pela Braskem levou à desocupação dos bairros do Pinheiro, Bebedouro, Mutange e Bom Parto, em Maceió, atingindo milhares de famílias. Este estudo foca no bairro do Pinheiro, o primeiro e mais populoso a sofrer os danos, abordando a ruptura na reprodução da vida cotidiana e o apagamento das memórias individuais e coletivas. O objetivo é preservar a memória do lugar por meio das narrativas dos ex-moradores, frente ao risco de esquecimento provocado pelo esvaziamento abrupto. Para isso, adotou-se a metodologia de estudo de caso, com pesquisas bibliográficas e documentais, entrevistas baseadas na História Oral e observação empírica. A análise de conteúdo das narrativas revelou significados culturais, sociais e históricos do bairro, contribuindo para a compreensão da memória coletiva e sua importância na identidade local.

**Palavras-chave:** Memória coletiva. Bairro do Pinheiro. Desocupação urbana. Narrativas de ex-moradores. Identidade local.

## ABSTRACT

The soil instability caused by salt mining by Braskem led to the evacuation of the neighborhoods of Pinheiro, Bebedouro, Mutange, and Bom Parto in Maceió, affecting thousands of families. This study focuses on Pinheiro, the first and most populous neighborhood impacted, addressing the disruption of everyday life and the erasure of individual and collective memories. The objective is to preserve the memory of this place through the narratives of former residents, in response to the risk of oblivion caused by the abrupt depopulation. A case study methodology was adopted, including bibliographic and documentary research, interviews based on Oral History, and empirical observation. The content analysis of the narratives revealed cultural, social, and historical meanings of the neighborhood, contributing to the understanding of collective memory and its importance in local identity.

**Keywords:** Collective memory; Pinheiro neighborhood; Urban evacuation; Former residents' narratives; Local identity.

---

<sup>1</sup> Especialista em História de Alagoas pelo Programa de Pós-graduação em História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), especialista em Comunicação Empresarial, pela Universidade Metodista de São Paulo, graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental (UTIC), mestre em Recursos Hídricos e Saneamento pela Ufal, especialista em Docência do Ensino Superior, graduado em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) pela Ufal e professor-orientador deste artigo.

## 1 INTRODUÇÃO

Milhares de famílias precisaram desocupar os bairros do Pinheiro, Bebedouro, Mutange e Bom Parto, localizados na cidade de Maceió e atingidos pela instabilidade do solo que provocou rachaduras devido à exploração de sal-gema, realizada pela empresa petroquímica Braskem.

As primeiras notícias, mobilizações e angústias da população atingida sobre o fenômeno até então desconhecido tiveram início no ano de 2018, no Pinheiro, após o aparecimento das primeiras rachaduras nas ruas e imóveis do bairro, além de um tremor de magnitude 2.5 na escala Richter que assustou os moradores (Silva, 2020).

O Pinheiro está localizado na parte alta de Maceió, com uma população – antes da evacuação da maioria dos seus moradores – estimada em mais de 19 mil habitantes. O bairro, de tradição residencial, nos anos anteriores ao ocorrido passava por um processo vertiginoso de valorização imobiliária pela sua proximidade a serviços e principais vias da cidade (Santos *et al.*, 2021, p. 960). Atualmente, após a realocação dos moradores, boa parte do território do Pinheiro está desocupado – assim como os demais bairros atingidos –, com imóveis abandonados, ruas desertas e praças tomadas por vegetação. Um cenário que pode ser descrito como de uma “cidade-fantasma”, mas que, até pouco tempo atrás, era um lugar habitado, de intensas relações sociais, dotado de significados e sentimento de pertencimento por parte dos seus moradores.

Segundo Borges (2017, p. 99), “espaço, lugares e paisagens desempenham um papel crucial no moldar da memória individual, e desta forma, na memória coletiva humana”. Nesse sentido, de acordo com Carlos (2007, p. 17), o lugar desenvolve a vida em todas as suas dimensões, “é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local”.

Na perspectiva de que o lugar – espaço físico dotado de significados – é concebido como base de reprodução da vida em que ocorrem relações sociais cotidianas dos indivíduos, milhares de famílias que habitavam nos bairros atingidos pela mineração tiveram esse processo de reprodução abruptamente interrompido. Assim, “é nos momentos de ruptura da continuidade histórica que as atenções tendem a se direcionar mais para a memória” (Duvignaud, 1990 *apud* Abreu, 1998, p. 7).

Em decorrência disso, houve um empenho, nesta pesquisa, à necessidade do registro para a preservação da memória desse lugar, contada por meio das narrativas dos seus

ex-moradores, a fim de que não se tornem fragmentos perdidos e descontextualizados das memórias individuais e coletivas produzidas ao longo de décadas de história da capital alagoana. Dos quatro bairros atingidos pela mineração, o bairro do Pinheiro foi o selecionado como objeto de estudo por ter sido o primeiro a sofrer com os danos da instabilidade do solo e, também, por ser o mais populoso.

Dessa forma, por meio de um olhar atento das relações dos ex-moradores entre si e de suas relações sociais cotidianas com o espaço em comum habitado, é imprescindível estudar os “lugares” como espaços repletos de histórias que, muitas vezes, não são registradas na historiografia oficial e, principalmente, nesse caso dos bairros atingidos pela mineração, condenados ao completo esquecimento devido ao esvaziamento abrupto.

Outro ponto importante a ser refletido é que, nos últimos anos, muito se falou sobre a tragédia que acomete os bairros atingidos, mas a questão da memória dos bairros e seus valores sociais, culturais e históricos pouco foram abordados nos meios de comunicação e produções acadêmicas. Por esse motivo, entende-se a necessidade de lançar um olhar analítico para a questão da memória do bairro do Pinheiro, por meio de observações empíricas e narrativas dos seus ex-moradores, em busca de salvaguardar a memória do lugar então habitado.

Com boa parte do bairro desocupada e entregue ao abandono atualmente, o Pinheiro foi observado e analisado a partir de uma perspectiva de “lugares” repletos de histórias a serem preservadas para uma melhor compreensão histórico-cultural e contribuir para que as memórias dotadas de significados para seus ex-moradores não desapareçam com o tempo.

Sendo assim, a metodologia adotada para alcançar os resultados esperados partiu de um estudo de caso. De acordo com Martins (2008, p. 10), “mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa”.

O percurso metodológico contemplou, inicialmente, pesquisas bibliográficas e documentais para o levantamento de dados primários e secundários para a articulação teórica dos conceitos discutidos e, a partir daí, buscou-se construir uma narrativa memorial sobre o bairro do Pinheiro.

O trabalho consistiu ainda em entrevistas com ex-moradores do Pinheiro, por meio das técnicas de História Oral, como método de abordagem, observação empírica das narrativas, apuração dos depoimentos e análise dos dados coletados, por meio de técnicas de análise de

conteúdo, na busca de compreender os relatos e interpretar as narrativas da memória histórica do bairro relevantes para a pesquisa.

## 2 ESPAÇO E MEMÓRIA

A pesquisa tem como um dos fundamentos teóricos e conceituais os trabalhos de Maurice Halbwachs, por compreender a memória como social e valorizar a memória coletiva em relação à memória individual. Segundo ele, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 2006, p. 51), ou seja, a memória ultrapassa o campo individual, levando em consideração que as memórias de um indivíduo não são exclusivamente suas, mas compostas por uma soma de influências de âmbito social. Nesse sentido, ainda que sejam situações em que somente o sujeito esteja envolvido, as lembranças continuam coletivas e recordadas por outros, pois um indivíduo está inserido em um grupo social em que as representações coletivas são essenciais para a formação identitária de determinado grupo. Ainda segundo o mesmo autor, a lembrança é a sobrevivência do passado e a memória não pode ser entendida como uma mera visita nostálgica de informações de tempos atrás, mas uma ressignificação de histórias vividas a partir de uma vivência presente.

Nora (1993) faz uma distinção entre história e memória, no sentido de que enquanto a história busca uma abordagem mais objetiva e analítica, a memória não é estática, mas uma construção social e dinâmica – que é moldada e reinterpretada ao longo do tempo –, influenciada por contextos de âmbitos culturais e sociais. Destaca, ainda, que a memória é sempre suspeita para a história, ao deslegitimar e dessacralizar o passado vivido, enquanto conserva “museus, medalhas e monumentos, isto é, o arsenal necessário ao seu próprio trabalho, mas esvaziando-os daquilo que, a nosso ver, os faz lugares de memória” (Nora, 1993, p. 9). Nesse sentido, o autor entende que

[a] memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado [...]. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une [...]. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1993, p. 9).

Em contrapartida, em *História e Memória* (1990), Le Goff salienta que o contrário também acontece com a influência da história pelas memórias coletivas na contemporaneidade, sendo cada vez mais pujante com a globalização e os meios de comunicação.

Toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pela mídia, caminha em direção a um mundo acrescido de memórias coletivas e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob pressão dessas memórias coletivas (Le Goff, 1990, p. 473).

Ao discutir a questão das pressões pelas quais a história passa atualmente, advinda de várias memórias coletivas, Barros (2011, p. 336) cita a história das comunidades quilombolas, ao explicar que merece um estudo atento à “história da história dos quilombos, interferida pela memória coletiva dos movimentos negros e dos grupos locais que foram classificados como continuidades históricas de grupamento quilombolas originais”, bem como, continua o autor, não é possível elaborar análises históricas sobre a homossexualidade sem levar em consideração, com um olhar atento, a memória coletiva do movimento gay. Nesse sentido, Le Goff (1990, p. 472) ressalta que

[a] história dita “nova”, que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como “uma revolução da memória” fazendo-a cumprir uma “rotação” em torno de alguns eixos fundamentais: “Uma problemática abertamente contemporânea... e uma iniciativa decididamente retrospectiva”, “a renúncia a uma temporalidade linear” em proveito dos tempos vividos múltiplos “nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo”.

Para Nora (1993), refletir sobre o lugar de memória é estar envolto de um sentido simbólico no campo imaginário. É no lugar de memória em que a vida acontece, e para o objeto da presente pesquisa, as relações são estabelecidas e as memórias são construídas no bairro, numa simbiose entre sujeito e espaço, *locus* de vínculos sociais e que “desenvolve a vida em todas as suas dimensões. É a base de reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida” (Carlos, 2007, p. 17). Em consonância com essa concepção, Tuan (2013, p. 7) explica que a construção do lugar ocorre “a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimentos e entendimentos, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, com a história, e com as relações sociais e a paisagem”.

É importante destacar a identidade de lugar em sua dimensão socioespacial, entendida como ambiente onde o indivíduo vive ou viveu e que compôs um leque de referências para a

sua constituição identitária, numa relação simbiótica entre sujeito e ambiente. Assim, conforme explica Mourão e Cavalcante (2011, p. 209),

a construção da identidade está relacionada tanto a aspectos temporais, ao desenrolar da vida dos sujeitos, quanto a aspectos espaciais, mais propriamente ao lugar ou lugares aos quais as pessoas se sentem vinculadas a partir de um processo de apropriação essencial à identificação ou construção de sua identidade.

O que significa dizer que o sentimento de pertencimento ao lugar a partir da construção social de significados é entendido não apenas pela sua estrutura física, mas também pelo seu caráter simbólico. Dessa forma, “cada vez com maior frequência vamos recorrendo à memória dos espaços para esclarecer qualquer dúvida sobre nossas raízes e identidades” (Dembicz, 2000, p. 20 *apud* Costa; Maciel, 2009, p. 62).

Ao tomar como exemplo a história do Brasil, em seus diversos períodos, trata-se de uma fotografia dos principais acontecimentos que interferiram e modificaram os rumos do país, ou seja, uma história nacional que vai ser do interesse de um conjunto de indivíduos de forma ampla, sem particularidades. É diferente das histórias locais e regionais urbanas, em que “cada um de nós pertence ao mesmo tempo a muitos grupos, mais ou menos amplos” (Halbwachs, 2006, p. 99).

Por esse motivo, para pensar a memória local de um bairro, é necessário levar em consideração as relações dos seus moradores entre si e com o espaço comum em que habitam. Ao direcionar esse olhar e compreender a relação entre sujeito e lugar, a memória local traz possibilidades que a história não consegue alcançar, no sentido inclusivo de não privilegiar uma narrativa oficial e de não anular narrativas que se distanciam desta, pois

a memória de bairro não inclui as memórias em suas particularidades; suas contradições não afetam a idoneidade da informação, mas enriquecem. Ainda que determinadas memórias possam se configurar como individuais, elas não estão descartadas da construção coletiva da memória do bairro (Costa, 2008 *apud* Costa; Maciel, 2009, p. 62).

Partindo desse pressuposto, é possível refletir que o conjunto imagético que um bairro fomenta desempenha uma relevante contribuição no sentido da formação da memória coletiva, ao levar em consideração o bairro como espaço físico e afetivo, carregado de simbolismos, em que ocorrem as relações sociais cotidianas do indivíduo. Dessa forma, de acordo com Halbwachs (2006), as imagens espaciais exercem uma função significativa na memória coletiva. No contexto da presente pesquisa, lança-se o olhar para os bairros como lugares que o sujeito habita na cidade e, conforme sua apropriação, ganham significado pelas relações sociais cotidianas que são estabelecidas. Segundo Halbwachs (2006, p. 158),

Assim, se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. [...] Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

Frochtengarten (2005, p. 6) cita o holocausto e a bomba nuclear como eventos que “transformaram o testemunho sobre o passado em uma modalidade decisiva de relacionamento dos homens com os acontecimentos”, ou seja, em circunstâncias em que indivíduos estiveram em situações de apagamento de suas memórias e, conseqüentemente, de serem esquecidas, os relatos, a oralidade, passam a ter um valor acadêmico-científico muito importante. Conforme explica o autor, ainda são escassas as pesquisas voltadas para dar voz à memória e investigar em profundidade o que dizem os sujeitos que habitam determinadas localidades.

É nesse sentido que esta pesquisa se propõe a dar voz aos ex-moradores do Pinheiro, um dos bairros atingidos pela exploração de mineração em Maceió pela Braskem, com a finalidade de identificar e descrever a memória social do Pinheiro, em dimensões físicas e simbólicas.

### **3 PINHEIRO, NO CORAÇÃO DE MACEIÓ**

Maceió, capital de Alagoas, possui uma população de 957.916 habitantes de acordo com o último censo populacional (IBGE, 2022) e é subdividida em 50 bairros (Brasil, 2019). A cidade teve origem a partir de um pequeno povoado onde hoje é o bairro do Jaraguá, uma área valorizada na época devido às dinâmicas portuárias e econômicas. Assim, a partir da emancipação política de Alagoas, em 1817, teve início um processo que levaria a então vila a sediar o governo do estado, ocorrida oficialmente no dia 16 de dezembro de 1839, quando a capital da província foi transferida da Vila de Santa Maria Madalena (atual Marechal Deodoro) para Maceió, definitivamente (Duarte; Almeida, p. 336, 2021).

Segundo Duarte e Almeida (2021, p. 336), a “a expansão urbana em Maceió seguiu o modelo da maioria das cidades brasileiras, ou seja, o crescimento aconteceu de forma não planejada e mais rápido do que o planejamento urbano consegue alcançar”. Desse modo, para Altavilla (1967), o território de Maceió compreende três planos: uma região ao nível do mar e da lagoa, onde se encontra a restinga, formando uma planície; o terraço de Maceió ou terraço

do Centro, na área do centro comercial da cidade; e a região mais elevada em relação ao nível do mar, denominada tabuleiro. “A natureza modelou, através dos ciclos geológicos, seus três planos: – o planalto, [...] o centro resultante da erosão da terra vermelha do alto e a faixa litorânea ou praia” (Altavilla, 1967, p. 101). Entretanto, foi convencionalmente pelo senso comum chamar os dois primeiros planos de parte baixa e, o tabuleiro, de parte alta da cidade.

É na parte alta – platô de Maceió – onde está localizado o bairro do Pinheiro, que teve o seu desenvolvimento atrelado à Estrada do Jacutinga (atual Avenida Fernandes Lima) e expansão acelerada em meados do século XX, conforme explica Carvalho (2007, p. 14):

A ocupação efetiva desta área iria se dar, sobretudo na segunda metade do século XX, quando a população atingiria um crescimento relevante e a Avenida Fernandes Lima consolidaria ainda mais seu caráter de ligação entre importantes pontos da cidade e passaria a nortear a expansão urbana sobre o tabuleiro.

Com a Avenida Fernandes Lima, a parte alta começou a receber novos equipamentos de grande porte às margens da via, como o quartel do exército na década de 1940, o Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (Cepa) (Cavalcante, 2020) e o antigo Hospital do Açúcar (Monteiro, 2015), ambos na década de 1950. Dentro do Pinheiro, foi construído o Hospital Sanatório, inaugurado em 1945 e localizado na antiga Rua Belo Horizonte, a via mais importante do bairro (Cavalcante, 2020). Outro equipamento relevante do Pinheiro era uma pista de pouso e decolagem de pequenos aviões, que funcionou até a década de 1960 (Cavalcante, 2020). Na época, o “bairro se caracterizou por sítios e residenciais, constituindo-se na nova fronteira de expansão urbana da parte alta de Maceió” (Cavalcante, 2020, p. 22), com uma ocupação significativa a partir das décadas de 1950 e 60, conforme destaca Carvalho (2007).

Seu limite oficial foi homologado pela Lei Municipal nº 4.952, em 06 de janeiro de 2000, e era até então o 17º mais populoso de Maceió, com 19.062 habitantes (Brasil, 2019, p. 11). Embora com o grande número de estabelecimentos comerciais situados ao longo da Avenida Fernandes Lima, o Pinheiro era caracterizado por ser um bairro, predominantemente, residencial, apesar disso, contava com um comércio diversificado que oferecia serviços para os moradores do bairro e entorno, por meio de cerca de 2.700 empresas consolidadas (Santos *et al.*, 2021, p. 960).

Nos últimos anos antes do aparecimento das rachaduras, era comum observar o surgimento de novos empreendimentos imobiliários no bairro, com a construção de edifícios voltados para o público de poder aquisitivo elevado, isto é, antes do aparecimento e intensificação das rachaduras no solo e edificações, o bairro, devido a sua centralidade

geográfica dentro de Maceió, vinha “passando por um processo de valorização através da verticalização das suas edificações. Sua população caracterizou-se por grande poder aquisitivo e de qualidade de vida elevada, vista a aproximação a serviços e vias principais” (Santos *et al.*, 2021, p. 960). E nas palavras de Bulhões (2022, p. 50-51):

O Pinheiro era considerado um bairro muito bem localizado na cidade de Maceió, suas vias fazem ligação com outros bairros e pontos nodais importantes como a Av. Fernandes Lima, que possui uma predominância de uso e ocupação do solo comercial e possui relevância econômica para a área. Apesar de predominantemente residencial, o Pinheiro possuía diversos empreendimentos comerciais e de serviços muito importantes para a comunidade e para a cidade, como academias de ginástica, lojas diversas, mercados, farmácias, postos de gasolina, entre outros. Além de equipamentos urbanos como escolas municipais e particulares, posto de saúde, dois grandes hospitais particulares. As igrejas do bairro, como a Igreja Batista e a Paróquia Menino Jesus de Praga, também desenvolviam papel importante na comunidade, e movimentavam a região com suas festividades e procissões. Toda essa diversidade de usos contribuía para a vitalidade urbana da área até o início da desocupação, decorrente da subsidência do solo.

Segundo Bulhões (2022), ao fazer uma análise sobre os bairros atingidos pelos problemas de subsidência do solo, a autora observou que são repletos de significados e de grande valor histórico, com características em comum relacionadas ao predomínio do uso residencial e da horizontalidade desses imóveis, além da presença marcante de famílias que habitaram os bairros por décadas, conforme se constatará por meio de relatos colhidos.

A esfera da vida pública também era bem presente por entre esses territórios, fortalecida pelos locais de encontro e atividades promovidas pelas ações comunitárias. Tais características colaboram com o fortalecimento do sentimento de pertencimento, territorialidade, das relações de vizinhança. Cada bairro possuía dinâmicas próprias que começam a ser alteradas drasticamente diante do processo identificado de subsidência de solo, que será explanado adiante (Bulhões, 2022, p. 52).

O bairro do Pinheiro, portanto, reflete não apenas um capítulo da expansão urbana de Maceió, mas também um espaço que consolidou dinâmicas sociais, econômicas e culturais ao longo de décadas. Sua centralidade geográfica e a diversidade de usos e equipamentos contribuíram para sua relevância na cidade, enquanto o cotidiano de suas ruas e a vivência comunitária criaram laços profundos entre os moradores e o território. Contudo, as transformações impostas pelos problemas de subsidência do solo não só redesenharam a paisagem física, como também desestruturaram relações construídas ao longo do tempo, marcando o início de um novo ciclo na história desse emblemático bairro maceioense.

#### **4 AS RACHADURAS**

O Pinheiro, nos últimos anos, passou a apresentar inúmeras rachaduras e afundamentos em moradias e vias públicas. Os fenômenos ficaram mais recorrentes no bairro após as chuvas de verão e o abalo sísmico de 2.5 graus na escala Richter, ambos ocorridos no primeiro trimestre de 2018 (Brasil, 2019, p. 9). “O evento produziu danos significativos, como fissuras, trincas e rachaduras em edificações, ruas e passeios em uma área expressiva do bairro, inclusive com a interdição de diversas moradias” (Brasil, 2019, p. 9). Entretanto, o problema das rachaduras já preocupava os moradores há alguns anos antes, como noticiado no portal *GI Alagoas*, em 2013, quando ainda não se sabia a origem do fenômeno, além de estudos com imagens a partir de 2004 que apontavam indícios de subsidência na época, isto é, 14 anos antes do tremor de 2018 que assustou a população e chamou a atenção da imprensa e autoridades, conforme destaca Bulhões (2022).

A tabela abaixo, com base em Bulhões (2022) e nos dados desta pesquisa, apresenta uma linha do tempo dos principais acontecimentos envolvendo a subsidência do solo:

**Quadro 1** – Linha do tempo do Caso Braskem

ANO	ACONTECIMENTOS
1976	<ul style="list-style-type: none"> <li>Implantação da fábrica de cloro-soda Salgema (atual Braskem).</li> </ul>
2004	<ul style="list-style-type: none"> <li>Estudos apontam indícios de subsidência nessa área.</li> </ul>
2013-2017	<ul style="list-style-type: none"> <li>Região das minas monitorada pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA), que apresentou em Relatórios de Avaliação de Desempenho Ambiental (R.A.D.A.), produzidos em 2017 e 2018, a não evidência técnica de subsidência do solo na região das minas.</li> </ul>
2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>Abalo sísmico em março de 2018, intensificação do aparecimento de rachaduras e afundamento do solo, tendo como consequência a presença do Serviço Geológico do Brasil (CPRM).</li> </ul>
2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>Prefeitura de Maceió declara estado de calamidade pública em março de 2019.</li> </ul>
2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>Prefeitura de Maceió declara estado de calamidade pública em março de 2019;</li> <li>CPRM divulga resultado dos estudos na área atingida e conclui que “a deformação nas cavernas da mineração teve papel predominante na origem dos fenômenos que estão causando danos na região estudada” (Brasil, 2019, p. 37), ou seja, o problema da subsidência do solo é em decorrência da exploração da sal-gema realizada pela empresa mineradora. No mesmo ano, a Braskem interrompe a extração de sal-gema.</li> </ul>
2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em 2020, técnicos sociais da Braskem iniciam a identificação dos imóveis e a pesquisa familiar dos moradores. A identificação foi a porta de entrada das pessoas atingidas para ingressar no Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação (PCF) da Braskem;</li> <li>Assinatura do Termo de Acordo firmado pelo Ministério Público do Estado de Alagoas, Ministério Público Federal, Defensoria Pública do Estado de Alagoas e Defensoria Pública da União com a empresa Braskem, sem a participação da população atingida.</li> </ul>

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Bulhões, 2022.

Em julho de 2020, a Braskem divulgou em seu *site* um balanço dos seis meses do acordo para desocupação dos bairros atingidos, em que, até então, 2.618 mudanças de

famílias nas áreas de risco tinham sido realizadas. Passados quase quatro anos, em dados atualizados no dia 31 de dezembro de 2023, foram 14,4 mil imóveis desocupados e “40 mil pessoas foram previamente realocadas das áreas de risco definidas pela Defesa Civil em Maceió” (Braskem, 2024).

É importante destacar que as negociações do acordo firmado em 2020 entre as instituições de justiça e a empresa mineradora não contaram com a participação das pessoas atingidas, que, de acordo com Bulhões (2022, p. 62), “criticam veementemente o acordo estabelecido, por não possuírem voz diante da situação e não terem tido o direito de participar das decisões acerca de suas vidas”.

O fato é que transitar, atualmente, pelos bairros atingidos, é se deparar com um cenário que pode ser considerado de pós-guerra, de cidade fantasma, de abandono, de um ambiente totalmente hostil e inóspito. A própria superintendência do IBGE em Alagoas (SES/AL) reconheceu tal fenômeno, em nota oficial divulgada à imprensa no dia 04 de dezembro de 2023:

Durante as operações do Censo 2022, ficou evidente o “apagão populacional” na região dos bairros afetados, que se transformaram em verdadeiras regiões-fantasma, num triste contraste com os dados da operação censitária anterior, em 2010. Foi revelado o esvaziamento populacional da área afetada, com consequências ambientais, econômicas, sociais, afetivas, históricas, dentre outras (Cada Minuto, 2023).

No bairro do Pinheiro em específico, mas que não é diferente nas demais áreas, praças, que antes eram pontos de encontro de seus moradores, encontram-se vazias e tomadas por vegetação. Ruas que eram movimentadas se assemelham, agora, a cemitérios de lembranças. Muitos imóveis já foram demolidos, mas a maioria ainda existe e estão completamente depredados. Na verdade, são túmulos de histórias que foram deixadas para trás por seus moradores, que não tiveram outra opção que não fosse sair dos imóveis.

Nesse sentido, a presente pesquisa entende a importância de revitalizar o bairro do Pinheiro por meio da memória, do relato e da oralidade dos seus ex-moradores, para fortalecer a consciência e importância histórica do bairro, bem como o sentimento de pertencimento de sua população que, ainda que não esteja mais residente na área, ainda cultiva lembranças que nunca serão apagadas de suas memórias individuais e coletivas. Para isso, a presente pesquisa utilizou, além do referencial teórico trazido ao longo do texto, entrevistas qualitativas semiestruturadas como fontes de dados.

## **5 VIDAS RACHADAS, MEMÓRIAS PRESERVADAS**

As entrevistas qualitativas semiestruturadas – que segundo Manzini (2004, p. 2) “está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementada por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista” – foram realizadas com pessoas atingidas consideradas como informantes-chave, para identificar e descrever a memória social do bairro do Pinheiro, além de fazer um levantamento dos “lugares de memória” de seus ex-moradores. De acordo com Alberti (2004), a história oral pode ser entendida como metodologia de comprovação empírica alcançada por meio de entrevistas e fundamentada na análise da memória individual e coletiva.

Os entrevistados selecionados foram moradores que viveram por décadas no Pinheiro e acompanharam as transformações do bairro, até o momento do aparecimento das rachaduras e desocupação dos imóveis. Ao todo foram realizadas quatro entrevistas. É importante destacar que por se tratar de uma pesquisa qualitativa a quantidade de pessoas atende aos objetivos do trabalho, de explorar as opiniões e as representações sobre o tema tratado. Dessa forma, o estudo buscou encontrar informantes-chave que trouxessem dados pertinentes ao trabalho, que se somassem ao referencial teórico e documental consultado. Na prática, os informantes foram selecionados inicialmente a partir da rede de contato da pesquisa e por meio de indicações das próprias pessoas entrevistadas.

A idade das pessoas entrevistadas varia entre 47 e 84 anos, com um tempo médio de moradia no bairro de 41 anos cada. O instrumental de pesquisa aplicado foi realizado por videochamada, em que as perguntas foram feitas oralmente, com exceção de uma informante, que preferiu responder por escrito. Os entrevistados não serão identificados nominalmente, apenas por Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3 e Entrevistado 4.

A primeira parte do instrumental foi para caracterizar os participantes, com questões sobre idade, escolaridade, estado civil, entre outras. A segunda etapa apresenta questões de associação livre, para que as pessoas entrevistadas falassem, ao menos, cinco ou mais expressões ou frases que lhe viessem à mente sobre o Pinheiro, a respeito dos seguintes aspectos: “Sobre o bairro do Pinheiro”, “Pinheiro no passado”, “Pinheiro atualmente”, “Ex-morador do Pinheiro é” e “Eram atividades comuns de quem morava no Pinheiro”.

Sobre a primeira questão, as primeiras expressões ou frases ao lembrar do Pinheiro, os sentimentos e emoções demonstradas foram paradoxais, de polaridades positivas e negativas. A maioria das expressões trazidas eram de boas recordações do bairro, tais como “harmonia”, “irmandade”, “solidariedade”, “amizade”, “praticidade por ser perto de tudo”, “segurança”,

“convívio social”, “vida tranquila”, “vida ordeira” e “lembranças da juventude”. Tais expressões e o que significam estão ilustradas nos recortes:

O convívio social no Pinheiro era intenso. A maioria dos meus vizinhos me conheciam desde os 5 anos de idade. O Pinheiro era como se fosse uma cidade do interior, mas dentro da capital, porque quem é das antigas ali, praticamente todos se conheciam. Eu andava pelas ruas sendo cumprimentado, tanto eu como os meus filhos que foram criados lá também, dentro dos conjuntos residenciais Jardim Acácia e Divaldo Suruagy (Entrevistado 3).

Quando fala do Pinheiro, eu fico emocionado. Me traz lembranças das coisas que passei lá. Quando somos jovens, a gente pensa no futuro, em construir uma casa, casar. Então escolhi o Pinheiro e na época aquilo me trouxe um alívio, uma satisfação, uma felicidade. E eu disse comigo mesmo: é aqui que vou criar minha família e ficar até morrer. Meus filhos se criaram, lá fizeram amizades, eu também fiz e a gente sempre tem ótimas lembranças. Pessoal muito ordeiro, amigável, uma vida tranquila, tudo perto, construí uma casa boa de acordo com as minhas possibilidades (Entrevistado 4).

Em oposição, as expressões negativas trazidas pelos entrevistados eram de sentimentos alinhados com a situação atual do bairro, ao associar o Pinheiro a: “sofrimento”, “holocausto”, “dor”, “desolação”, “abandono”, “injustiça”, “descaso” e “tristeza”, que podem ser melhor exemplificadas com as seguintes falas: “Sofrimento é a palavra que ficou na minha memória. Você tinha tudo ali, toda uma malha urbana, um equilíbrio, até vir a Braskem e desequilibrar tudo isso, causando sofrimento. Isso me marcou muito” (Entrevistado 1). Outro relato também traduz o sentimento de desolação e dor dos moradores:

Não adivinhava nunca ser obrigado a me mudar por causa dessa empresa e ainda hoje me sinto fora de contexto. Não é brincadeira, fazer toda uma vida e quando está tudo estabilizado, aposentado, perto de amigos, com vizinhos há 30, 40 anos. Isso aqui machuca muita gente, ter que mudar, perder os amigos que estavam todos lá e se espalharam. E a gente fica aqui para fazer a vida novamente, aos 84 anos (Entrevistado 4).

O outro tópico de associações livres é sobre o “Pinheiro Antigamente”. As expressões relatadas foram “harmonia”, “irmandade”, “solidariedade”, “amigos”, “família”, “facilidade de serviços”, “centralidade”, “tradição/religiosidade”, “dificuldade de locomoção e de acesso”, “Cepa”, “bares”, “moradores constituíram famílias entre si”, “bairro comum sem praça, quase um campo de futebol”, “construção de prédios populares da Cohab”, “construção da Igreja Menino Jesus de Praga”, “Alto do Céu, local de pessoas alegres que faziam batucadas e enfeitavam as ruas em festividades”, “Hospital Sanatório”, “campo de futebol, que no passado pousavam aviões”, “bairro sem pavimentação, tudo era barro”.

Foi possível observar ainda nos depoimentos uma subdivisão existente dentro do bairro do Pinheiro, sendo o Pinheiro entendido como a parte central do bairro, que se distingue de outras áreas do bairro, como fica explícito na seguinte fala:

Ali, na realidade, sempre chamávamos de Farol. O que chamávamos de Pinheiro era a área por trás do Cepa. E a parte onde fica o Hospital Sanatório, de Sanatório. Então tinha Pinheiro, Alto do Céu e Sanatório, mais aquela parte central da Igreja Menino Jesus de Praga, que era tudo Farol antigamente (Entrevistado 3).

A harmonia e amizade foram destacadas pelos entrevistados ao descrever o “Pinheiro antigamente”, que aponta para sentimentos de apego ao bairro, companheirismo e vínculo entre as pessoas:

Você tinha ali um sistema harmônico, uma malha social em harmonia. Com alguns problemas, como toda comunidade tem, mas harmônico. Você não via problemas graves, de violência, no Pinheiro. Ali todas as pessoas se conheciam. Eram muito próximas umas das outras, senso de pertencimento muito forte no bairro (Entrevistado 1).

A maioria estudava no Cepa, íamos todos juntos para o colégio e voltávamos juntos. Todos os meninos viviam na rua, brincando, conversando. Os próprios pais de amigos cuidavam dos filhos dos outros. Muitas vezes levava esporro do pai de outro, coisa de família mesmo, de vida comunitária. O Pinheiro era uma grande comunidade (Entrevistado 3).

Em relação ao questionamento “Hoje o Pinheiro é”, todas as respostas foram unânimes ao associar palavras/expressões com a realidade atual do bairro, como “destruição”, “sofrimento”, “incredulidade”, “triste”, “feio”, “perigoso”, “abandonado”, “pesadelo”, “bairro fantasma”, “visão apocalíptica”, “cemitério”, “inabitável”, “tristeza profunda”, “prejuízo para a cidade de Maceió”, “só penso coisas ruins”, que podem ser exemplificadas com o seguinte relato:

Eu passo ali todos os dias por causa do meu trabalho e a ficha ainda não caiu. Você olha para aquilo ali e fica impressionado com a capacidade de destruição muito grande que uma empresa dessa tem. Você fica olhando aquelas casas e cada casa daquela era uma família, cada casa daquela era um sonho, relações e interações. Hoje está tudo estático, parece que jogaram uma bomba que acabou com a parte toda humana. Ainda tem muitos escombros e apesar das casas deterioradas, você ainda consegue fechar os olhos e ver todo aquele movimento que existia antes (Entrevistado 1).

Na questão “Ex-morador do Pinheiro é”, os depoimentos também foram compatíveis com o sentimento de revolta em relação aos danos sofridos em decorrência do desastre socioambiental: “vítima”, “frágeis emocionalmente”, “sofridos”, “injustiçado”, “abandonado”, “perdido”, “triste”, “retirado do seu *habitat*”, “depressivo”, “desassistido”, “revoltados com as propagandas enganosas da Braskem”, “pária”, “solitário”, “fora de contexto”, “expulsos”, expressões que podem ser exemplificados nas seguintes falas emocionadas, que demonstram apego ao bairro e frustração irreparável por ser obrigado a deixar o seu *habitat*:

Muitos moradores conseguiram se reerguer do ponto de vista material, mas a ferida invisível desse processo de destruição, desse holocausto, não tem como aferir se ela foi cicatrizada. Todas essas raízes foram desagregadas, então o sofrimento se perpetua. O sofrimento que foi imposto naquele processo e ainda impõe encurta a vida das pessoas (Entrevistado 1).

Estamos tentando se readaptar em outro bairro. É como se tivéssemos saído de uma cidade para outra. Moro aqui na Jatiúca já faz dois anos, mas não conheço ninguém ao meu redor. Não conheço nenhum vizinho, só o síndico. Já no Jardim Acácia tinha vizinho que me chamava de Q\*\*\*\*, que era o meu apelido de quando era pequeno. Saía na rua, cumprimentava todo mundo. Hoje eu saio na rua e só sou mais uma pessoa (Entrevistado 3).

Quando temos recordações, nos sentimos fora do contexto. Considero ali minha vida, minha casa, minha família e, de uma hora para a outra, fomos expulsos de lá. Ninguém pensou nas raízes que construímos no bairro. Temos raízes, tinham meus colegas que ficávamos na praça até tarde da noite conversando. Eu me sinto hoje um pária. Estou montando hoje numa casa boa, em um ambiente bom, mas não é a vida que construí no Pinheiro. Hoje sou uma pessoa fora de contexto aqui. E agora tenho que fazer novas amizades, aos 84 anos de idade (Entrevistado 4).

O último tópico de associações livres questiona “Eram atividades de quem morava no bairro do Pinheiro...” e, por meio das respostas, é possível identificar alguns “lugares de memória” do Pinheiro que contribuem na construção do mosaico de memórias sociais do bairro, com destaque para as seguintes expressões: “à noite na Pracinha Menino Jesus de Praga, que reunia grupos sociais da Igreja Católica, da Igreja Batista”, “futevôlei na praça do Jardim Alagoas”, “ir à Igreja Católica Menino Jesus de Praga”, “resolver as coisas a pé”, “encontrar os amigos”, “encontros nas praças Arnon de Mello e Menino Jesus de Praga”, “ida aos bares”, “atividades físicas de manhã na Praça Arnon de Melo”, “festas na Praça Menino Jesus de Praga”, “ida ao Mercadinho Pilar e ficar conversando com o proprietário”. As respostas chamam a atenção que as praças, com destaque para a Menino Jesus de Praga, são mencionadas em todos os relatos, entendidas pela pesquisa como espaços urbanos que favoreciam o ambiente de socialização entre os moradores, além de outros estabelecimentos comerciais que, percebe-se, convergiam para a praça, como é possível observar nos relatos:

Existia uma comunidade de pessoas que se reuniam no Bar do Brandão [Figuras 1 e 2], que na verdade era um depósito de bebidas, localizado no cruzamento da Rua Santa Júlia com a Rua Manoel Menezes. Hoje eu fecho os olhos e vejo todos sentados ali, se relacionando. E aí ficavam ali conversando, bebendo e muitos levavam a esposa, a filha. Mas fechava cedo e as pessoas migraram para a Praça Menino Jesus de Praga, para consumir nos quiosques (Entrevistado 1).

**Figura 1** – Bar do Brandão em funcionamento, em 2017



Fonte: Google Maps.

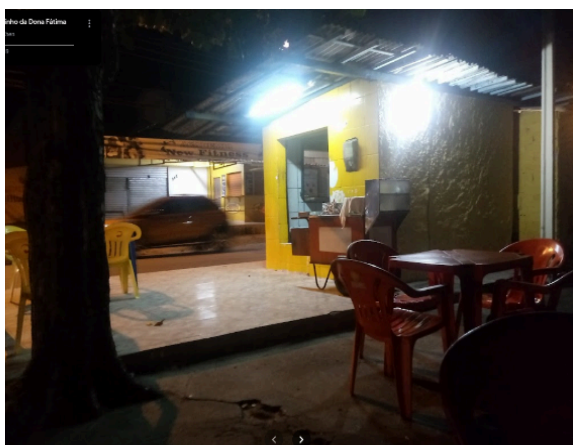
**Figura 2** – Bar do Brandão em 2022, após desocupação



Fonte: Google Maps.

Outros estabelecimentos comerciais mencionados foram o Churrasquinho da Fátima e o Bar da Grayce, próximos da Praça Menino Jesus de Praga. Segundo um dos entrevistados, o Churrasquinho da Fátima (Figuras 3 e 4), que ficava localizado na esquina da Rua Manoel Menezes com a Rua Prof. Mário Marroquim, depois que saiu do Pinheiro foi para outros bairros, até que voltou para o Pinheiro, na Rua Tereza de Azevedo, fora do Mapa da Área de Desocupação. “Foi se reencontrar de novo no Pinheiro. Era um referencial o churrasquinho dela. A gente comprava, levava para jantar em casa. O Pinheiro tinha essas coisas” (Entrevistado 1).

**Figura 3** – Churrasquinho da Fátima em funcionamento, em 2019



Fonte: Paulo Chen/Google Maps.

**Figura 4** – Churrasquinho da Fátima em 2022, após desocupação



Fonte: Google Maps.

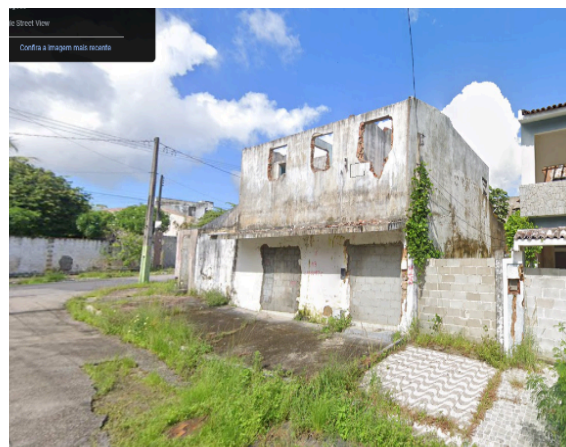
Sobre o Bar da Greyce (Figuras 5 e 6), o mesmo entrevistado afirmou que o estabelecimento não atraía apenas os moradores do Pinheiro, como também de outros bairros. “Tinha até campeonato de dominó. Os próprios clientes reformaram o bar, para que pudesse fazer o campeonato de dominó, o que demonstra o sentimento de solidariedade existente no bairro” (Entrevistado 1).

**Figura 5** – Bar da Greyce em funcionamento, em 2012



Fonte: Google Maps.

**Figura 6** – Bar da Greyce em 2022, após desocupação



Fonte: Google Maps.

A Padaria Ideal (Figuras 7 e 8) era conhecida também por um grupo constituído majoritariamente por homens, chamado de Senadinho, que se reuniam diariamente desde 1999, na calçada da residência que ficava em frente ao estabelecimento (Figuras 9 e 10). De acordo com relatos dos entrevistados, por volta das 17h, já existia fila para comprar pão na Ideal, localizada na esquina da Rua Joaquim Gouveia de Albuquerque com a Alameda Dr. Moacyr Tavares Lopes.

Depois que compravam o pão, os homens sentavam do outro lado e faziam um Senadinho, do outro lado da padaria, também numa esquina. Era um grupo de pessoas da Rua Luiz Rizzo (atual Alameda Dr. Moacyr Tavares Lopes) e das ruas do entorno da Praça Arnon de Melo, que ficavam conversando até dar a hora do jantar e retornavam depois do Jornal Nacional para conversar. Era um pessoal mais maduro, idoso (Entrevistado 1).

**Figura 7** – Pararia Ideal em funcionamento, em 2019



Fonte: Google Maps.

**Figura 8** – Padaria Ideal em 2022, após desocupação



Fonte: Google Maps.

**Figura 9** – Calçada onde eram realizados os encontros diários do Senadinho, em 2019



Fonte: Google Maps.

**Figura 10** – Calçada do Senadinho em 2022, com a mensagem no muro: “Desde 1999. Senado da Padaria Ideal, bons amigos se reúniam”



Fonte: Google Maps.

De acordo com os relatos, as duas praças mais mencionadas foram a Arnon de Mello (Figuras 11 e 12) e a Menino Jesus de Praga (Figuras 13 e 14), das oito praças existentes no total. A primeira era mais utilizada para atividades físicas pela manhã e final da tarde. Também aconteciam reuniões de vizinhos que moravam no entorno ou próximos da praça, com pautas que giravam em torno de política, futebol e, nos últimos anos, antes da desocupação do bairro, o caso Braskem. Entretanto, a praça foi cenário de um dos eventos mais marcantes do Pinheiro. Na terceira parte do questionário, com perguntas abertas semiestruturadas sobre características descritivas do bairro e seus moradores, uma das perguntas foi: “Antes do Caso Braskem, ocorreu algum evento que tenha sido

significativo/marcante para o bairro do Pinheiro?”. Das quatro respostas, três mencionaram uma chacina da Praça Arnon de Melo, ocorrida no dia 15 de novembro de 1996.

A Praça Arnon de Melo ficou estigmatizada por causa dessa chacina. A Arnon de Melo é uma praça, estruturalmente, muito melhor do que a Menino Jesus de Praga, mas a população, com essa chacina, passou a rejeitar automaticamente a praça e, assim, a Menino Jesus de Praga passou a ser a preferida (Entrevistado 1).

A Praça Menino Jesus de Praga era mais emblemática, tudo levava a ela. Era um conjunto muito próximo um do outro. Você tem a praça, o Churrasquinho da Fátima, o Mercadinho Pilar, o Depósito do Brandão. Então, tudo isso aí, vivia em constante dinâmica, era um conjunto harmônico, não dá para separar um do outro (Entrevistado 1).

**Figura 11** – Praça Arnon de Melo em 2016



Fonte: Leandro Barbosa/Google Maps.

**Figura 12** – Reunião de vizinhos na Praça Arnon de Melo, em 2019



Fonte: Salmom Lucas.

**Figura 13** – Praça Menino Jesus de Praga, em 2012



Fonte: Google Maps.

**Figura 14** – Praça Menino Jesus de Praga em 2019, que passou a ser o principal local de reuniões das pessoas atingidas



Fonte: Foto: Matheus Tenório/ Portal G1

A terceira parte do questionário buscou um relato mais descritivo do bairro no passado e no presente, bem como seus moradores no passado e no presente (antes do Caso Braskem eclodir), buscando identificar também características sociais e de interação, além de gostos e preferências. Muitas das respostas aprofundam as informações fornecidas no tópico anterior de associações livres. Por esse motivo, a presente pesquisa fará um breve resumo por considerar a pertinência das respostas.

O primeiro bloco de perguntas buscou compreender as memórias vividas e que ajudaram a contar a história do bairro e de seus moradores. Sobre a história de formação do bairro, características do passado e seu processo de urbanização, a maioria dos entrevistados, que conheceu o bairro desde a década de 1970, destacou que nesse período o bairro era considerado distante do Centro de Maceió, predominantemente residencial, com ruas sem pavimentação, saneamento básico ausente, ruas de chão de barro e lama em épocas de chuva, numerosos sítios, muito arborizado e boas condições climáticas, conforme um dos relatos: “O clima era muito bom, tanto que o Hospital Sanatório se instalou lá, para tratar dos tuberculosos” (Entrevistado 4). E, ainda, seguem outros relatos:

Meu pai é engenheiro civil, projetou e construiu a casa do Pinheiro, em 1974. Naquela década, o bairro do Pinheiro era considerado “distante” do Centro, local onde meu pai e minha mãe moravam antes do casamento. No entanto, em pouco tempo e continuamente, foi ocupado, seguindo, naturalmente, o vetor de crescimento que acompanhava a Avenida Fernandes Lima, em direção ao Tabuleiro do Martins (Entrevistado 2).

Bairro dormitório, tudo era no Centro da cidade. Em dia de domingo, por exemplo, parecia um cemitério, porque ninguém ficava lá, ia todo mundo à praia. Era quase um interior dentro de Maceió. Muito barro, lama, muitos buracos. Quando chovia, para parte onde ficava a Igreja Menino Jesus de Praga, era conhecido como caldeirão, pois sempre enchia todo, os carros ficavam cobertos de água, era realmente bastante complicado. Veio melhorar quando chegou o asfalto, o saneamento (Entrevistado 3).

Quando fui morar no bairro na década de 70, o Cepa já existia e acredito que trouxe mais vida ao bairro, que foi crescendo, com calçamento, estabelecimentos comerciais. Quando cheguei tinha pouca coisa comparado com hoje e a gente foi acompanhando esse crescimento. A tendência era crescer mais, um bairro de classe média bom de se morar. Tinha aquela parte do Alto do Céu, que era um pessoal mais humilde, mas era alegre. O que me recordo do pinheiro era a alegria que existia no bairro (Entrevistado 4).

Chama a atenção um aspecto pontuado no relato de dois entrevistados, supramencionado inclusive neste artigo, a subdivisão informal existente no bairro e os sentimentos de pertencimento particulares a determinadas áreas do bairro, como se fossem partes independentes do Pinheiro, com características identitárias próprias, conforme expressado no seguinte relato:

O pinheiro é um bairro muito novo, com 23 anos de abairramento, depois que se desvinculou do Farol. Tanto é que, os antigos moradores do Alto do Céu, onde ficava o Bar do Brandão, não se reconhecem como do Pinheiro, mas como do Alto do Céu. E quem mora na área do Hospital Sanatório, também não se considera do Pinheiro, se considera do “Sanatório”, assim, como também, na Vila Saem. Poucos deles assimilaram que tudo ali é Pinheiro, pois o Pinheiro era mais uma localidade do Farol, junto com essas outras localidades. Ai, quando fizeram o abairramento, colocaram tudo como Pinheiro. No Mutange, por exemplo, temos dois setores censitários na encosta que é Pinheiro, mas todo mundo daquela área se sentia do Mutange. Então tem essa característica (Entrevistado 1).

A pesquisa questionou também aos entrevistados se viam diferença entre os moradores do Pinheiro e os moradores de outras localidades de Maceió. Os relatos apontaram que, até mesmo as relações mais corriqueiras do cotidiano, experimentadas pelos seus então moradores, eram comunitárias, de amizade e o sentimento de grupo era o fio condutor das relações. Contexto social que não vivenciam mais em seus novos endereços e lamentam por isso, como fica demonstrado com os seguintes relatos:

Hoje moro na parte baixa e relação social, aqui, praticamente, não existe. No Pinheiro, quando eu saía para comprar meu cigarro, com certeza eu encontrava dois, três amigos e ficava conversando na conveniência no posto de gasolina, perto do Mercadinho Pilar. Havia uma harmonia muito boa entre as pessoas (Entrevistado 1).

Eu vejo até hoje essa diferença entre os moradores do Pinheiro com os moradores daqui da parte baixa da cidade. Aqui não tem aquele senso de comunidade, de amizade, que tinha no Pinheiro. Aqui só sou apenas mais um morador (Entrevistado 3).

Sobre os lugares do Pinheiro que os entrevistados mais frequentavam, as respostas foram: “conveniência do posto de gasolina”, “Praça Menino Jesus de Praga”, “Mercadinho Pilar para comprar e encontrar com os vizinhos, pois tudo era ponto de encontro”, “padarias”, “lanchonetes”, “casas dos amigos, familiares e vizinhos”, “Bar Caldinho do Vieira”, “Sacolão”, “Praça Arnon de Melo”. As respostas demonstraram que, até mesmo as situações mais rotineiras do bairro e que poderiam ser banais sem nenhum significado mais profundo – como ir à padaria, ao supermercado, à conveniência do posto de gasolina –, no Pinheiro eram vivenciadas pelos seus moradores com o sentido comunitário, de grupo.

Em relação à mobilidade, como circulavam dentro do Pinheiro, todos os entrevistados responderam que era a pé. Sobre as características sociais e de interação, ao perguntar se os entrevistados interagiam com seus vizinhos, todos responderam que sim. Se a maior parte dos seus amigos moravam no bairro do Pinheiro, três, dos quatro respondentes, afirmaram que sim. Outra questão buscou averiguar se havia espaços de encontros entre as pessoas no bairro e, caso sim, quais destacariam, sendo as praças, igrejas e estabelecimentos comerciais citados nas respostas.

Em relação ao gosto e à preferência, enfim, sobre o que mais gostavam no Pinheiro, a interação com os amigos e a localização do bairro foram mencionadas com destaque, o que demonstra a riqueza das dimensões simbólicas (da amizade, relações comunitárias) e físicas do bairro (localização geográfica) que se misturam para seus ex-moradores. Sobre o que não gostavam, as respostas foram “não sei dizer”, “Braskem” e “os problemas de drenagem do bairro”, que provocavam alagamentos no inverno e transtornos à população.

Perguntados também se, em algum momento, tiveram vontade de sair do Pinheiro e morar em outro bairro, todas as respostas foram unânimes ao dizer que não: “Não. Se pudesse voltar hoje, voltaria” (Entrevistado 1), evidenciando assim a ligação afetiva com o Pinheiro e o sentimento de pertencimento ao lugar, que ficou só nas lembranças de seus ex-moradores.

## **6 CONCLUSÃO**

Lugar antes considerado afastado do Centro da cidade, o Pinheiro há décadas era um bairro de trabalhadores de baixa renda, com muitos sítios, terrenos vazios e ruas sem pavimentação. A partir da década de 1970, com a duplicação da Avenida Fernandes Lima e expansão da parte alta de Maceió, sentido Tabuleiro do Martins, o bairro, localizado na parte intermediária da cidade, passou por um processo vertiginoso de valorização imobiliária.

Nos últimos anos, antes do desastre socioambiental provocado pela Braskem, era comum observar no bairro o surgimento de novos empreendimentos, como a construção de torres residenciais e comerciais com mais de 10 pavimentos. Fato que constituía um movimento de modernização sem a perda das relações comunitárias. Conforme um dos entrevistados relatou, o Pinheiro era um interior dentro da capital, pela tranquilidade de suas ruas e relações sociais comunitárias estabelecidas entre seus moradores.

Ao refletir sobre a localização geográfica do Pinheiro (central em Maceió e próxima dos principais serviços que uma cidade pode oferecer), mais a arquitetura do bairro (com destaque para as praças, oito no total, com destaque para as praças Arnon de Mello e Menino Jesus de Praça), percebe-se uma funcionalidade no lugar que possibilitava o fluxo e o convívio harmônico, de caráter comunitário, entre seus moradores.

Os depoimentos colhidos evidenciaram seus afetos positivos de fidelidade ao Pinheiro ao afirmarem que nunca pensaram em deixar o bairro, de valorização das amizades que foram cultivadas por décadas, de companheirismo entre seus moradores e senso comunitário, unânime em todos os relatos. A sociabilidade do Pinheiro foi algo que ficou muito evidente

nos depoimentos, um fio condutor simbólico que inter-relacionava os espaços urbanos de vivência e seus moradores.

Por meio da História Oral como procedimento metodológico, foi possível conhecer um pouco do universo do Pinheiro em seus aspectos físicos e simbólicos a partir de experiências de vida dos entrevistados, guiados em seus relatos por um sentimento afetivo ao bairro e, ao mesmo tempo, de revolta e melancolia pelo que se transformou o lugar, antes habitado e vivo. Entender como seus ex-moradores relatam seu antigo *habitat* ontem e hoje, ajudou a identificar e descrever um fragmento importante da memória social do bairro, além das ligações identitárias de pertencimento.

É importante destacar que, apenas pequenos fragmentos da memória social do Pinheiro, somado ao referencial bibliográfico, foram apresentados e discutidas para refletir sobre o bairro nas suas dimensões territoriais (localização geográfica), sociais (relação entre os moradores), temporais (passado e presente histórico) e comportamentais (práticas sociais). Em outros termos, a presente pesquisa, pela própria estrutura do trabalho, não pretendeu alcançar todos os pontos de reflexão sobre a temática da memória social e suas articulações com as representações sociais e identitárias do objeto analisado, mas lançar esse olhar para a memória social do Pinheiro, que precisa ser preservada, contribuindo assim com o resgate histórico de um bairro importante de Maceió.

Com o desaparecimento quase integral do Pinheiro, qual será o destino dessas memórias? Serão transmitidas oralmente para gerações futuras, ou simplesmente o bairro será esquecido pela população de Maceió, restrito apenas a uma distante lembrança nostálgica e amarga aos seus ex-moradores, que desaparecerá com o tempo? Nesse sentido, a academia pode ter um papel central na preservação dessas memórias para as gerações futuras e, principalmente, para que esse crime praticado contra a cidade de Maceió e milhares de pessoas atingidas jamais seja esquecido.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, v. 4, p. 5-26, 1998.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004

ALTAVILLA, Jaime de. **História da Civilização das Alagoas**. 5. ed. Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas, 1967.

BARROS, José D'Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. **Revista Tempos Históricos**, v. 15, n. 1, p. 317-343, 2000.

BORGES, Gerson Kaio Lima. Memória, imagem e lugar: sobral, maneiras de ver e imaginar o bairro Junco. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, Sobral, Ceará, v. 11, n. 2. p. 97-126, 2017.

BRASKEM. Braskem em Maceió. **Site da Braskem**. Disponível em: [https://www.braskem.com.br/atualizacao\\_maceio](https://www.braskem.com.br/atualizacao_maceio). Acesso em: 15 dez. 2023.

BRASIL. Serviço Geológico do Brasil (CPRM). Estudo sobre a instabilidade do terreno nos bairros do Pinheiro, Mutange e Bebedouro, Maceió (AL). **Relatório Síntese dos Resultados**, v. 1, n. 1. Brasília: Ministério de Minas e Energia, 2019.

BULHÕES, Júlia Amorim. **Colapso urbano?** Narrativas de moradores do Pinheiro sobre a subsidência do solo em Maceió-AL. 2022. 127f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

CADA MINUTO. IBGE se solidariza com população afetada pelo caso Braskem: “Apagão populacional”. Portal de notícias, 2023. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2023/12/04/ibge-se-solidariza-com-populacao-afetada-pelo-caso-braskem-apagao-populacional>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

CARVALHO, Marlise Lila Silva. **A Evolução do Parcelamento do Solo na Cidade de Maceió entre 1950 e 1970**: uma análise dos bairros do Farol, Pinheiro, Pitanguinha e Gruta de Lourdes. 2007. 173f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

CAVALCANTE, Joaldo. **Salgema**: do erro à tragédia. Maceió: Editora do Cesmac, 2020.

COSTA, Samira Lima da; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 60-72, abr. 2009.

DUARTE, Adriana Guimarães; ALMEIDA, Eveline Maria Athayde. Fragmentos da memória: a evolução urbana nos 200 anos de história em Maceió, Alagoas. In: GEVEHR, Daniel Luciano (org.). **Temas da Diversidade Experiências e Práticas de Pesquisa**. Guarujá: Científica Digital, 2021. p. 334-347.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 367-376, 2005.

G1 AL. **Rachaduras em prédio no Pinheiro, em Maceió, preocupam moradores**. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/04/rachaduras-em-predio-no-pinheiro-em-maceio-preocupa-moradores.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. **Censo Demográfico**. Maceió, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/panorama>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetos e de roteiros. Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos – a pesquisa qualitativa em debate. Bauru, USC, 2004. CD-ROOM. ISBN: 85-98623-01-6. 10 p.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 8-18 jan./abr. 2008.

MONTEIRO, Marcia Rocha. **Hospital do Açúcar de Alagoas: arquitetura e assistência à saúde – 50 anos de História**. Maceió: Edufal, 2015.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 208-216.

NORA, Pierre. Entre Memória e História - a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.

SANTOS, Caroline Gonçalves dos *et al.*. A necessidade de evacuação de bairros em Maceió-AL e os impactos urbanos socioespaciais: novos desafios para o planejamento urbano na cidade. **9º Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável (Pluris 2021 Digital) – pequenas cidades, grandes desafios, múltiplas oportunidades**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 7 a 9 de abril de 2021, 13p. Disponível em: <https://pluris2020.faac.unesp.br/Paper954.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SILVA, Maria Izabelly Batista da. **Responsabilidade civil da pessoa jurídica por dano ambiental: uma análise frente ao caso do incidente no bairro do Pinheiro, Maceió/AL**. Orientador: Marcos Augusto de Albuquerque Ehrhardt Júnior. 2020. 84f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Direito) – Faculdade de Direito de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 2013.